

VOL. 2
TENDÊNCIAS
DO LIVRO
DE ARTISTA
NO BRASIL

TÍTULO *
AUTOR Vijai Patchineelam
DATA 2012



Ao entender um livro como um objeto, o leitor passa a manuseá-lo sem o compromisso de uma leitura linear, imposta por convenções culturais e/ou de diagramação. A leitura transforma-se então em um movimento entre sujeito e objeto: a preocupação nas páginas de um livro não é mais somente com a exploração do espaço entre referencialidade e significação. Essa mudança de abordagem seria capaz de desfazer as convenções dadas a um livro de fotografia? A boa fotografia que é definida por uma composição independente, capaz de conter e revelar significados, passa a ser negligenciada em troca do movimento estabelecido entre sujeito e objeto. O que antes era editado como circuito agora torna-se a delimitação entre campos onde elementos respondem a questões que lidam com a ressonância entre ritmos. Essa mudança não retira a responsabilidade de quem edita o livro, pelo contrário, a edição é reforçada antes mesmo de começar a fotografar. O livro não é mais apenas uma compilação de arranjos de melhores momentos, e menos ainda de sequências que apoiam-se na insistência e repetição de um modo de ver,

que ao estetizar o mundo apropria-se dele para sua promoção. A mudança também não possibilita uma liberdade infinita ao leitor. Mais uma vez, o que acontece é justamente o contrário: o que ela faz é tirar os parâmetros com os quais o leitor estava acostumado a apoiar-se. Uma reponsabilidade maior é compartilhada com o leitor que agora precisa encontrar um caminho dentro daquilo, que quando imerso, parece o caos.

- O que são essas hordas de palavras embaladas, apertadas e bem alinhadas como sardinhas dentro de dicionários? Embora seja claro que esta é uma linguagem escolhida e reconhecida pela história como o nível mínimo de símbolos universais, não podemos naturalmente aceitá-la como uma língua viva logo de cara. Eu não sei quando, mas uma ilusão estranha passou a residir em algum canto do meu cérebro da qual não consigo me livrar. Imagino que uma vez que o dicionário foi fechado e posto na minha mesa, entre estas cuidadosamente dispostas e propriamente esticadas enxames de palavras impressas - que não causam nenhum profundo sentimento - cada letra e cada palavra afirmam a sua própria legitimidade uma por uma, e uma briga enorme segue. É então, nestas manobras energicamente clandestinas que as palavras reconquistam o seu impacto inato como uma linguagem. Mas uma vez que eu volto a pegar o dicionário, as palavras, quando me percebem rapidamente voltam para seu estado de ordem, isto é, o seu morto e «restrito» estado. É lógico que isso é claramente uma fantasia infantil, demente.¹

- Talvez eu devesse explicar isso melhor. Aqui está o que aconteceu: nove ou dez anos atrás, a fim de aprender a conversar em Inglês, eu comprei um livro primário de Francês-Inglês. E me pus a trabalhar. Conscientemente, copiei frases inteiras do meu primário com o objetivo de memorizá-las. Relendo-os atentamente, eu não aprendi Inglês, mas algumas verdades surpreendentes: que, por exemplo, há sete dias na semana, algo aliás que já sabia, que o piso é para baixo, o teto é para cima, coisas que eu também já sabia, talvez, mas que nunca tinha pensado seriamente sobre, ou tinha esquecido e que me pareceu, de repente, como estupefaciente como eram indiscutivelmente verdadeiras.

Acho que tenho o suficiente de uma inclinação filosófica para ter percebido que o que eu estava copiando no meu caderno não eram simples frases em inglês na tradução francesa, mas verdades fundamentais e observações profundas. Eu ainda não tinha desistido de apreender Inglês naquele momento. Felizmente, porque depois de verdades universais, o autor do primário passou a divulgar verdades privadas, provavelmente inspirado no método platônico, ele expressou-os por meio de diálogo. A partir da terceira lição, dois personagens foram apresentados cujo a verdadeira ou fictícia existência ainda não estou certo de: Sr. e Sra. Smith, um casal inglês. Para minha grande surpresa, a Sra. Smith informou ao marido que eles tiveram vários filhos, que viviam nas proximidades de Londres, que o seu nome era Smith, que o Sr. Smith foi um funcionário, que tinha uma empregada, Maria, inglesa como eles mesmos, que

1 Has Photography Been Able to Provoke Language. Nakahira, 1970

nos últimos vinte anos tiveram os amigos Sr. e Sra. Martin, e que sua casa era um palácio, «a casa de um inglês é seu verdadeiro palácio.»

Eu suponho que o Sr. Smith provavelmente estava a par de tudo isso, mas não se pode ter certeza, existem pessoas distraídas².